LINGUAGENS



Nº1 - Q17:2019 - H17 - Proficiência: 563.32

Questão 17

As cores

Maria Alice abandonou o livro onde seus dedos longos liam uma história de amor. Em seu pequeno mundo de volumes, de cheiros, de sons, todas aquelas palavras eram a perpétua renovação dos mistérios em cujo seio sua imaginação se perdia. [...] Como seria cor e o que seria? [...]. Era, com certeza, a nota marcante de todas as coisas para aqueles cujos olhos viam, aqueles olhos que tantas vezes palpara com inveja calada e que se fechavam, quando os tocava, sensíveis como pássaros assustados, palpitantes de vida, sob seus dedos trêmulos, que diziam ser claros. Que seria o claro, afinal? Algo que aprendera, de há muito, ser igual ao branco. [...]

E agora Maria Alice voltava outra vez ao Instituto. E ao grande amigo que lá conhecera. [...]. Lembrava-se da ternura daquela voz, da beleza daquela voz. De como se adivinhavam entre dezenas de outros e suas mãos se encontravam. De como as palavras de amor tinham irrompido e suas bocas se encontrado... De como um dia seus pais haviam surgido inesperadamente no Instituto e a haviam levado à sala do diretor e se haviam queixado da falta de vigilância e moralidade no estabelecimento. E de como, no momento em que a retiravam e quando ela disse que pretendia se despedir de um amigo pelo qual tinha grande afeição e com quem se queria casar, o pai exclamara, horrorizado:

— Você não tem juízo, criatura? Casar-se com um mulato? Nunca!

Mulato era cor. Estava longe aquele dia. Estava longe o Instituto, ao qual não saberia voltar, do qual nunca mais tivera notícia, e do qual somente restara o privilégio de caminhar sozinha pelo reino dos livros, tão parecido com a vida dos outros, tão cheio de cores...

LESSA, O. Seleta de Orígenes Lessa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

No texto, a condição da personagem e os desdobramentos da narrativa conduzem o leitor a compreender o(a)

- percepção das cores como metáfora da discriminação racial.
- g privação da visão como elemento definidor das relações humanas.
- contraste entre as representações do amor de diferentes gerações.
- prevalência das diferenças sociais sobre a liberdade das relações afetivas.
- embate entre a ingenuidade juvenil e a manutenção de tradições familiares.

Nº2 - Q39:2019 - H17 - Proficiência: 589.11

Questão 39 O mato do Mutúm é um enorme mundo preto, que nasce dos buracões e sobe a serra. O guará-lobo trota a vago no campo. As pessôas mais velhas são inimigas dos meninos. Soltam e estumam cachorros, para ir matar os bichinhos assustados — o tatú que se agarra no chão dando guinchos suplicantes, os macacos que fazem artes, o coelho que mesmo até quando dorme todo-tempo sonha que está sendo perseguido. O tatú levanta as mãozinhas cruzadas, ele não sabe - e os cachorros estão rasgando o sangue dele, e ele pega a sororocar. O tamanduá. Tamanduá passeia no cerrado, na beira do capoeirão. Ele conhece as árvores, abraça as árvores. Nenhum nem pode rezar, triste é o gemido deles campeando socôrro. Todo choro suplicando por socôrro é feito para Nossa Senhora, como quem diz a salve-rainha. Tem uma Nossa Senhora velhinha. Os homens, pé-ante-pé, indo a peitavento, cercaram o casal de tamanduás, encantoados contra o barranco, o casal de tamanduás estavam dormindo. Os homens empurraram com a vara de ferrão, com pancada bruta, o tamanduá que se acordava. Deu som surdo, no corpo do bicho, quando bateram, o tamanduá caiu pra lá, como um colchão velho. ROSA, G. Noites do sertão (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Na obra de Guimarães Rosa, destaca-se o aspecto afetivo no contorno da paisagem dos sertões mineiros. Nesse fragmento, o narrador empresta à cena uma expressividade apoiada na

- plasticidade de cores e sons dos elementos nativos.
- dinâmica do ataque e da fuga na luta pela sobrevivência.
- religiosidade na contemplação do sertanejo e de seus costumes.
- correspondência entre práticas e tradições e a hostilidade do campo.
- humanização da presa em contraste com o desdém e a ferocidade do homem.

Nº3 - Q27:2021 - H17 - Proficiência: 597.0

Questão 27 Enamana

O Bom-Crioulo

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

[....]

A chibata não lhe fazia mossa; tinha costas de ferro para resistir como um hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata...

[....]

Entretanto, já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre as outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

[....]

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe.

- Cento e cinquenta!

Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinheiro e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue.

CAMINHA, A. O Bom-Crioulo. São Paulo: Martin Claret, 2006.

A prosa naturalista incorpora concepções geradas pelo cientificismo e pelo determinismo. No fragmento, a cena de tortura a Bom-Crioulo reproduz essas concepções, expressas pela

- exaltação da resistência inata para legitimar a exploração de uma etnia.
- defesa do estoicismo individual como forma de superação das adversidades.
- concepção do ser humano como uma espécie predadora e afeita à morbidez.
- observação detalhada do corpo para a identificação de características de raça.
- apologia à superioridade dos organismos saudáveis para a sobrevivência da espécie.

Nº4 - Q10:2021 - H17 - Proficiência: 597.92

Questão 10

enemanar

Introdução a Alda

Dizem que ninguém mais a ama. Dizem que foi uma boa pessoa. Sua filha de doze anos não a visita nunca e talvez raramente se lembre dela. Puseram-na numa cidade triste de uniformes azuis e jalecos brancos, de onde não pôde mais sair. Lá, todos gritam-lhe irritados, mal se aproxima, ou lhe batem, como se faz com sacos de areia para treinar os músculos.

Sei que para todos ela já não é, e ninguém lhe daria uma maçã cheirosa, bem vermelha. Mas não é verdade que alguém não a possa mais amar. Eu amo-a. Amo-a quando a vejo por trás das grades de um palácio, onde se refugiou princesa, chegada pelos caminhos da dor. Quando fora do reino sente o mundo de mil lanças, e selvagem prepara-se, posta no olhar. Amo-a quando criança brinca na areia sem medo. Uns pés descalços, uma mulher sem intenções. Cercada de mundo, às vezes sofrendo-o ainda.

CANÇADO, M. L. O sofredor do ver. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Ao descrever uma mulher internada em um hospital psiquiátrico, o narrador compõe um quadro que expressa sua percepção

- irônica quanto aos efeitos do abandono familiar.
- resignada em face dos métodos terapêuticos em vigor.
- alimentada pela imersão lírica no espaço da segregação.
- inspirada pelo universo pouco conhecido da mente humana.
- demarcada por uma linguagem alinhada à busca da lucidez.

$N^{\circ}5$ - Q32:2021 - H17 - Proficiência: 597.98

•	•				•	•	•		Questa	io 32				•	•	ene	m2027	•		•	•	•	•	•			
									Quest	10 32		ingula	r ocor	rência		· GI IO	11202										
									— I	Há oco		_				endo ao	quela										
•		•			•	•			dama d	ue va	i entra	ando n	a igrej	a da C	ruz? F	Parou a	agora			•	•	•	•	•		•	
									no adro	para	dar un	na esn	nola.											-			
									—	De pre	to?																
•					•		•			Justan	nente;	lá vai	entran	do; ent	rou.					•	•	•	•			•	
									-1	Não po	onha n	nais na	a carta.	Esse	olhar e	stá diz	endo										
									que a d																		
•	•				•	•	•		de ser i	muito t	tempo	, a julg	ar pelo	corpo	: é mo	ça de t	ruz.		•	•	•	•	•	•		•	
									—1	Deve t	er qua	renta e	e seis a	anos.													
																olhar pa	ara o										
•	•				•	•	•		chão e		me tu	do. Es	ta viúv	a, natu	ıralmeı	nte?				•	•	•	• • •	•		•	
										Não.				4 .													
												do aind	da vive	. E vel	ho?												
•	•	•		-	•	•	•	•		Não é		a.							•	•	•	•	•				
									— 9	Solteir	a?																
															_	e D. N											
	•	•		-	•	•	•		de tal.										•	•	•	•	•	•		••	
									Maroca mestra																		
									chegar																		
•	•	•	-		•	•	•		era esl										•	•	•	•	• • •	•			
									modos	sérios	s, ling	uagen	n limpa	а.													
												ASSIS,	, M. Macha	ado de As	sis: seus 3 Rio de Jar	0 melhores eiro: Aguila	contos. ar, 1961.										
		•		-	•		•		No diá										•	•	•		•	•			
									mulher person																		
									mulher						,												
									encor car	ontra idade.	um n	nodo (de dig	nificar-	se na	prátic	a da										
									pre vida		а ара	rência	jovem	confo	rme s	eu esti	lo de										
•					•				© con			eu be	m-esta	ar à	estab	ilidade	do					•	•	•		•	
									• tem	sua i		dade e	seu	lugar ı	eferer	dados	pelo										
•					•	•			hor en	nem.	à cua	particir	nacão	no mo	reade (to trab	albo			•	•	•	•	•		•	
	•		-						G ICII	uncia	a sua	particip	paçao	ilo iliei	Cauo	ie trabi	allio.								-		
•					•	•	•	•			•	•	•	•	•	•		•		•	•	•	•	•			
•	•	•			•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•		•		•	•	•	•	•		•	
	•	• • •				•			•		•					•		•				•	•	•			
					•	•		•	•		•	•	•	•	•	•						•		•	1		
•	•	•	•		•	•	•	•	•		•		•	•	•	•		•		•	•	•	•	•		•	
•	•				•	•	•		•		•				•	•		•		•	•	•	•			•	
																									-		

Nº6 - Q45:2020 - H17 - Proficiência: 619.14

Fomos falar com o tal encarregado, depois com um engenheiro, depois com um supervisor que mandou chamar um engenheiro da nossa companhia. Esses homens são da sua companhia, engenheiro, ele falou, estão pedindo a conta. A companhia está empenhada nessa ponte, gente, falou o engenheiro, vocês não podem sair assim sem mais nem menos. Tinha uma serra circular cortando uns caibros ali perto, então só dava pra falar quando a serra parava, e aquilo foi dando nos nervos. Falei que a gente tinha o direito de sair quando a gente quisesse, e pronto. Nisso encostou um sujeito de paletó mas sem gravata, o engenheiro continuou falando e a serra cortando. Quando ele parou de falar,

gente que a gente tinna o direito de sair quando a gente quisesse, e pronto. Nisso encostou um sujeito de paletó mas sem gravata, o engenheiro continuou falando e a serra cortando. Quando ele parou de falar, 50 Volts aproveitou uma parada da serra e falou que a gente não era bicho pra trabalhar daquele jeito; daí o supervisor falou que, se era falta de mulher, eles davam um jeito. O engenheiro falou que tinha mais de vinte companhias trabalhando na ponte, a maioria com prejuízo, porque era mais uma questão de honra, a gente tinha de acabar a ponte, a nossa companhia nunca ia esquecer nosso trabalho ali naquela ponte, um orgulho nacional.

PELLEGRINI, D. A maior ponte do mundo. In: Melhores contos. São Paulo: Global, 2005.

As reivindicações dos operários, quanto às condições aviltantes de trabalho a que são submetidos, recebem algumas tentativas de neutralização dos representantes do empregador, das quais a mais forte é o(a)

- sequência de atribuição de responsabilidades e de poder decisório a terceiros.
- solicitação em nome dos prejuízos e compromissos para entrega da obra.
- intimidação pela discreta presença de um agente de segurança na cena.
- promessa de imediato atendimento da carência sexual dos operários.
- apelo pela identificação com a empresa extensiva ao amor patriótico.

Nº7 - Q39:2020 - H17 - Proficiência: 621.01

Questão 39 enem 2020enem 2020enem 2020

Entre as tentativas de encontrar o melhor ângulo para retirar o terneiro, meu irmão, o guri e seu pai tentavam convencer Jaqueline de que a morte da vaca não seria uma grande perda: "não é a mesma coisa que perder um pai, um avô, que a gente lembra para o resto da vida, fica lá no cemitério", "bicho é bicho". Jefferson, o guri, repetia tudo que o pai dizia, mas já afastado, pois havia sido corrido pela mãe.

Jaqueline repete: "pra mim não tem diferença! Os bichos estão tudo na volta. Eles sabem quando eu chego, me conhecem, sabem o meu cheiro. Sou eu que dou comida. Não tem diferença nenhuma!". O pai tenta concordar sem afrontar os caras, dizendo que as pessoas desenvolvem valor de estima pelos animais.

KOSBY, M. F. Mugido (ou diário de uma doula). Rio de Janeiro: Garupa, 2017. No fragmento, as reações à perda de um animal refletem concepções fortalecidas pela

- sensibilidade adquirida com a lida no campo.
- B banalização da morte em função de sua recorrência.
- expectativa do sofrimento na visão do destino humano.
- certeza da efemeridade da vida como fator de pessimismo.
- empatia gerada pela interseção entre o homem e seu ambiente.

$N^{\circ}8$ - Q28:2018 - H17 - Proficiência: 647.07

 QUESTÃO 28
esse cão que me segue
 é minha família, minha vida
 ele tem frio mas não late nem pede
ele sabe que o que eu tenho
divido com ele, o que eu não tenho
 também divido com ele
 ele é meu irmão
ele é que é meu dono
bicho se é por destino sina ou sorte
só faltando saber se bicho decente
 bicho de casa, bicho de carro, bicho
 no trânsito, se bicho sem norte na fila
se bicho no mangue, se bicho na brecha
 se bicho na mira, se bicho no sangue
catar papel é profissão, catar papel
revela o segredo das coisas, tem
 muita coisa sendo jogada fora
 muita pessoa sendo jogada fora
 OLIVEIRA, V. L. O músculo amargo do mundo. São Paulo: Escrituras, 2014.
 No poema, os elementos presentes do campo de percepção do eu lírico evocam um realinhamento de significados, uma vez que
emerge a consciência do humano como matéria de descarte.
 reside na eventualidade do acaso a condição do indivíduo.
 ocorre uma inversão de papéis entre o dono e seu cão.
 se instaura um ambiente de caos no mosaico urbano.
 9 se atribui aos rejeitos uma valorização imprevista.

Nº9 - Q39:2018 - H17 - Proficiência: 648.85

QUESTÃO 39

Somente uns tufos secos de capim empedrados crescem na silenciosa baixada que se perde de vista. Somente uma árvore, grande e esgalhada mas com pouquíssimas folhas, abre-se em farrapos de sombra. Único ser nas cercanias, a mulher é magra, ossuda, seu rosto está lanhado de vento. Não se vê o cabelo, coberto por um pano desidratado. Mas seus olhos, a boca, a pele – tudo é de uma aridez sufocante. Ela está de pé. A seu lado está uma pedra. O sol explode.

Ela estava de péno fim do mundo. Como se andasse para aquela baixada largando para trás suas noções de si mesma. Não tem retratos na memória. Desapossada e despojada, não se abate em autoacusações e remorsos. Vive.

Sua sombra somente é que lhe faz companhia. Sua sombra, que se derrama em traços grossos na areia, é que adoça como um gesto a claridade esquelética. A mulher esvaziada emudece, se dessangra, se cristaliza, se mineraliza. Já é quase de pedra como a pedra a seu lado. Mas os traços de sua sombra caminham e, tomando-se mais longos e finos, esticam-se para os farrapos de sombra da ossatura da árvore, com os quais se enlaçam.

FRÓES, L. Vertigens: obra reunida. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Na apresentação da paisagem e da personagem, o narrador estabelece uma correlação de sentidos em que esses elementos se entrelaçam. Nesse processo, a condição humana configura-se

- amalgamada pelo processo comum de desertificação e de solidão.
- fortalecida pela adversidade extensiva à terra e aos seres vivos.
- redimensionada pela intensidade da luz e da exuberância local.
- imersa num drama existencial de identidade e de origem.
- imobilizada pela escassez e pela opressão do ambiente.

Nº10 - Q38:2019 - H17 - Proficiência: 667.46

Questão 38

Menina

A máquina de costura avançava decidida sobre o pano. Que bonita que a mãe era, com os alfinetes na boca. Gostava de olhá-la calada, estudando seus gestos, enquanto recortava retalhos de pano com a tesoura. Interrompia às vezes seu trabalho, era quando a mãe precisava da tesoura. Admirava o jeito decidido da mãe ao cortar pano, não hesitava nunca, nem errava. A mãe sabia tanto! Tita chamava-a de () como quem diz (). Tentava não pensar as palavras, mas sabia que na mesma hora da tentativa tinha-as pensado. Oh, tudo era tão difícil. A mãe saberia o que ela queria perguntar-lhe intensamente agora quase com fome depressa depressa antes de morrer, tanto que não se conteve e - Mamãe, o que é desquitada? — atirou rápida com uma voz sem timbre. Tudo ficou suspenso, se alguém gritasse o mundo acabava ou Deus aparecia — sentia Ana Lúcia. Era muito forte aquele instante, forte demais para uma menina, a mãe parada com a tesoura no ar, tudo sem solução podendo desabar a qualquer pensamento, a máquina avançando desgovernada sobre o vestido de seda brilhante espalhando luz luz luz.

ÂNGELO, I. Menina. In: A face horrível. São Paulo: Lazuli, 2017.

Escrita na década de 1960, a narrativa põe em evidência uma dramaticidade centrada na

- insinuação da lacuna familiar gerada pela ausência da figura paterna.
- associação entre a angústia da menina e a reação intempestiva da mãe.
- relação conflituosa entre o trabalho doméstico e a emancipação feminina.
- representação de estigmas sociais modulados pela perspectiva da criança.
- expressão de dúvidas existenciais intensificadas pela percepção do abandono.

$N^{\circ}11$ - Q34:2018 - H17 - Proficiência: 670.17

Q	UESTÃO 34
	Quebranto
	às vezes sou o policial que me suspeito me peço documentos e mesmo de posse deles me prendo e me dou porrada
	às vezes sou o porteiro não me deixando entrar em mim mesmo a não ser pela porta de serviço
	[]
	às vezes faço questão de não me ver e entupido com a visão deles sinto-me a miséria concebida como um eterno começo
	fecho-me o cerco sendo o gesto que me nego a pinga que me bebo e me embebedo o dedo que me aponto e denuncio o ponto em que me entrego.
	às vezes!
	a literatura de temática negra produzida no Brasil, recorrente a presença de elementos que traduzem xperiências históricas de preconceito e violência. o poema, essa vivência revela que o eu lírico
	incorpora seletivamente o discurso do seu opressor.
	submete-se à discriminação como meio de fortalecimento.
•	engaja-se na denúncia do passado de opressão e injustiças.
) sofre uma perda de identidade e de noção de pertencimento.
	acredita esporadicamente na utopia de uma

Nº12 - Q8:2021 - H17 - Proficiência: 677.53

 Questão 08 enemaza
 Descobrimento
Abancado à escrivaninha em São Paulo
 Na minha casa da rua Lopes Chaves
 De supetão senti um friúme por dentro.
 Fiquei trêmulo, muito comovido
 Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[Muito longe de mim,
 Na escuridão ativa da noite que caiu,
 Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo
 Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
 Faz pouco se deitou, está dormindo.
 Esse homem é brasileiro que nem eu
ANDRADE, M. Poesias completas. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.
O poema modernista de Mário de Andrade revisita o tema
 do nacionalismo de forma irônica ao
 referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista.
idealizar a vida bucólica do norte do país como
 alternativa de brasilidade.
 problematizar a relação entre distância geográfica e
construção da nacionalidade.
 questionar a participação da cultura autóctone na
 formação da identidade nacional.
 propalar uma inquietação desfavorável quanto à
 aceitação das diferenças socioculturais.

$N^{\circ}13$ - Q44:2019 - H17 - Proficiência: 693.4

Qu	estã	0 44			**			**	XX			**		44		**								
	19-1	1-195	9																			-	•	
	Eu a	conh	neci o	la prii	meira	vez	em q	ue e	stive	aqui.	Pare	ce-m	e que	e é es	squiz	ofrên	ica, c	aso (crônic	co, de	ente	há -		
ma Å t	is de	vinte	anos	<u> </u>	ão es	stou b	oem c ara ca	erta.	Foi t	ransf	erida	para	a Čo	lônia	Julia	no M	oreira	e nu	ınca	mais	a vi.]		
me	io do	pátio	, can	tava -	— е	era d	le doe	er o d	oraç	ão. A	s den	nente	s, de	scalç	as e	rasga	adas,	para	vam	em s	urpre	sa,		
rino de	lo bor prese	nito er nca -	m silê — ela	incio, Is aue	os ro e erar	stos n tão	transf dista	orma ntes.	idos. Os r	Outra	as, se fulai:	ntada am po	s no or ins	chão tante:	úmid s. iris	o, av ados	ançav e inc	/am a lestru	is fac itíveis	es in s. Me	undad deixa	las⊸ ıva	-	
imo tão	vel, a	s Íági ente,	rimas ela q	cega ue fo	ındo-ı ra, el	me. [a que	Dona (e era,	Georg	giana Ievar	canta ido na	ava: o a limp	heia idez	de gra das n	aça, o iotas,	s olh minh	os az nas lá	uis s igrim	orrind as de	lo, ac scen	uele do ca	passa ladas	do , o		
pát suj	io de a, gas	mulh ta, lo	eres uca,	existi e as r	ndo e notas	em d sain	or e b do-lhe	eleza em	a. A t tragi	eleza cidad	e difíc	il e b	ela de	emais	s — р	ara e	xistir	fora	de ur	n hos	pício.			
				, com	o inte	erna	de ho	spita	ıl psid	quiátr					-						tica, 20 por ui			
	cepçã			ade d	lo sof	rimer	nto po	r me	io da	músi	ca.											-		-
0	redin	nensi	ona a	essê	ncia	huma	ana to	cada	a pela	sens	sibilida													
							-tratos nação															-		
(3	apon	ta pa	ra a ı	ecup	eraçã	io da	saúd	e me	ntal g	graça	s à at	ividad	le art	ística								-		
									•												•			
																						-		
			•			•			•		•											•	•	
			•						•											•		•	•	
		•	•	•	•	•			•	•	•							•	•	•	•	•	٠	
-	•	•	•	•	•	•	•		•	•	•					•	0		0	•	•	•	•	

Nº14 - Q28:2021 - H17 - Proficiência: 721.54

Questão 28 enem2027 --

— ... E o amor não é só o que o senhor Sousa Costa pensa. Vim ensinar o amor como deve ser. Isso é que pretendo, pretendia ensinar pra Carlos. O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras. Hoje, minha senhora, isso está se tornando uma necessidade desde que a filosofia invadiu o terreno do amor! Tudo o que há de pessimismo pela sociedade de agora! Estão se animalizando cada vez mais. Pela influência às vezes até indireta de Schopenhauer, de Nietzsche... embora sejam alemães. Amor puro, sincero, união inteligente de duas pessoas, compreensão mútua. E um futuro de paz conseguido pela coragem de aceitar o presente.

Rosto polido por lágrimas saudosas, quem vira Fräulein chorar!...

— ... É isso que eu vim ensinar pra seu filho, minha senhora. Criar um lar sagrado! Onde é que a gente encontra isso agora?

ANDRADE, M. Amar, verbo intransitivo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Confrontada pela dona da casa, a personagem alemã explica as razões de sua presença ali. Em seu discurso, o amor é concebido por um viés que

- A defende a idealização dos sentimentos.
- explica filosoficamente suas peculiaridades.
- questiona a possibilidade de sua compreensão.
- demarca as influências culturais sobre suas práticas.
- G reforça o papel da família na transmissão de seus valores.

$N^{\circ}15$ - Q26:2018 - H17 - Proficiência: 747.93

	QUESTÃO 26	
	o que será que ela quer	
• • • • • •	essa mulher de vermelho	
	alguma coisa ela quer	
	pra ter posto esse vestido	
	não pode ser apenas	
	uma escolha casual	
	podia ser um amarelo	
	verde ou talvez azul	
	mas ela escolheu vermelho	
	ela sabe o que ela quer	
	e ela escolheu vestido	
	e ela é uma mulher	
	então com base nesses fatos	
	eu já posso afirmar	
	que conheço o seu desejo	
	caro watson, elementar:	
	o que ela quer sou euzinho	
	sou euzinho o que ela quer	
	só pode ser euzinho	
	o que mais podia ser	
	FREITAS, A. Um útero é do tamanho de um punho. São Paulo: Cosac Nafy, 2013.	
	No processo de elaboração do poema, a autora confere	
	ao eu lírico uma identidade que aqui representa a	
	 hipocrisia do discurso alicerçado sobre o senso comum. 	
	mudança de paradigmas de imagem atribuídos à mulher.	
	tentativa de estabelecer preceitos da psicologia feminina.	
	importância da correlação entre ações e efeitos causados.	
	valorização da sensibilidade como característica de gênero.	
	Valorização da sor folhilladas con lo caldotorio da gorioro.	
• • • •		

$N^{\circ}16$ - Q35:2019 - H17 - Proficiência: 801.53

	Questão 35	• • •	•
	Essa lua enlutada, esse desassossego		
	A convulsão de dentro, ilharga		
	Dentro da solidão, corpo morrendo		
	Tudo isso te devo. E eram tão vastas		
	As coisas planejadas, navios,		
	Muralhas de marfim, palavras largas		
	Consentimento sempre. E seria dezembro.	•	•
	Um cavalo de jade sob as águas		
	Dupla transparência, fio suspenso		
	Todas essas coisas na ponta dos teus dedos		
	E tudo se desfez no pórtico do tempo		
	Em lívido silêncio. Umas manhãs de vidro		
	Vento, a alma esvaziada, um sol que não vejo	• • • •	•
	Também isso te devo.		
	HILST, H. Júbilo , memória, noviciado da paixão. São Paulo: Cia. das Letras, 2018.		
	No poema, o eu lírico faz um inventário de estados passados espelhados no presente. Nesse processo, aflora o		
(cuidado em apagar da memória os restos do amor.		
	amadurecimento revestido de ironia e desapego.		
	mosaico de alegrias formado seletivamente.		
	desejo reprimido convertido em delírio.	•	•
	arrependimento dos erros cometidos.		
		• • •	•

$N^{\circ}17$ - Q38:2018 - H17 - Proficiência: 942.41

	QU	ESTÃ(O 38																					
	o qu "o c a fa lésk	Vó Cla ueixo s que é l imília. pica? F	ésbio Sent Porqu	enso, a?". i um e a J	bater Eu fi calor oana	ndo c quei letal é. A	om o muda subi vergo	garfo a. Joa r pelo onha e	nos quim meu estava	lábio sabi pes	s, es a sob coço	peran ore mi e me	doai imei doer	respo me e atrás	sta. E ntrega das	Beatri aria p orelh	z eco ara a as. F	oou a a vó o Previ	palav e, ma a cen	/racc istar a:vó	omo p de, p , a se	ergun ara to enhora	ita, . ida a.é .	•
		os e co							_															
		[] P																						
		tar iss ha vó																						-
		o, mas							anuo	, ape	sai u	e loui	JS US	iiiipe	uiiiiei	nos.	Lu q	uis se	ibei i	nais,	eu q	uio odi		
												POLE	880, N.	B. Vó, a	senhora	é lésbic	a? Amo	ra. Porto	Alogrα	Não Edit	tora, 201	5 (fragme	nto).	
•	A si	tuação	nam	ada r	evela	uma	tens	ão fui	ndam	enta	da na	pers	pectiv	a do									-	
-	Ø	conflit	o con	n os i	ntere	sses	de p	oder.															+	
	0	silênci	io em	nom	e do	equil	íbrio :	familia	ar.															
•	Θ	medo	insta	urado	pela	is am	eaça	s de p	ouniç	ão.													-	
		choqu																					-	
	ⅎ	apego	aos	proto	colos	de c	ondu	ta seg	gundo	os	gêner	os.												
•																							-	
			-						•															
•		•					•			•			•		•				•	•				
		• •	-		-										•								-	 -
					-										•								-	
		• •				•		•	•	•	٠		•	•	•	•		•	•		•	•		
•		•			-	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	-
•						•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	
															•									
		•													•								-	
															•									
		• • •	•			•		•	•	•	•	•	•	•	•			•	•	•	•	•	•	 -
						•	•	•	•	•	•	•	•	•	•			•	•	•	•		•	
			-																				-	
													-	•										•
			-		-			•	•		•			•	•						•			

GABARITO H17

1 - A	2 - E	3 - A	4 - C	5 - D	6 - E	7 - E	8 - A	9-A	10 - D
11 - A	12 - C		14 - D	15 - A			• • •		
				• • •					
	•			• • •		•	•	•	
•	• • •						• • •	• • •	
•	• • •			• • •	•				
							1 1 1		